**Homilia no III Domingo Comum A 2020 – Domingo da Palavra de Deus**

1. Por vontade expressa do Papa Francisco, no 3.º Domingo do Tempo Comum de cada ano, somos convidados a celebrar e a viver “*o Domingo da Palavra de Deus*”! Não porque alguma vez pudéssemos celebrar o Domingo sem esta Palavra, mas para que a Palavra de Deus seja alimento bem servido à mesa de cada Eucaristia e se torne, para os cristãos, verdadeiro “*pão de cada dia*”. Precisamos da Palavra de Deus *como de pão para a boca*! Por isso, celebremos, em festa, o Domingo da Palavra, não para o fazer uma vez por ano, mas uma vez por todo o ano.

2. Fazemo-lo hoje com particular enlevo, para tomarmos consciência da importância da Palavra de Deus na nossa vida de cada dia, de modo que ela seja sempre “*o farol dos nossos passos e a luz dos nossos caminhos*” (*Sl* 118/119,105), aquela mesma luz que se levanta sobre a nossa escuridão (cf. *Is* 8,23-9,3) e que brilha e resplandece na Pessoa, na Palavra e na Vida de Jesus! É Ele, Jesus, a Palavra que Se fez Carne, a Palavra eterna de Deus que Se abreviou e Se aproximou e Se mostrou já presente no meio de nós. A Palavra de Deus, contida nas Escrituras, não é, por isso, um livro nem um rolo! Na sinagoga de Nazaré, depois de proclamar a profecia de Isaías, “*Jesus enrolou o livro*” (cf. *Lc* 4,20), para dizer que Ele é a Palavra viva, a Palavra ao vivo, a Palavra que lemos e vemos com os olhos fixos n’Ele (cf. *Lc* 4,20), antes mesmo de a ouvirmos da boca d’Ele. É n’Ele, é em Jesus que se cumprem as Escrituras. Isso é claro no Evangelho deste domingo, quando São Mateus nos diz, a respeito da primeira palavra de Jesus, nas periferias da Galileia: “*assim se cumpria o que o profeta Isaías anunciara*” (*Mt* 4,14). Deste modo, “o *Novo Testamento está oculto no Antigo e o Antigo Testamento está patente no Novo*” (Santo Agostinho).

3. Devem ficar claros para todos, estes dois princípios: todas as palavras das Escrituras falam de Cristo e anunciam-n’O! Sem estas palavras são indecifráveis a Palavra, a Vida, a Morte e a Ressurreição de Jesus. Por isso, disse São Jerónimo: “*Desconhecer as Escrituras é ignorar Cristo*”. Mas também é verdade o contrário: só a partir de Jesus se podem ler, compreender e pôr em prática as palavras das Escrituras. A Pessoa, a Palavra, os gestos e toda a vida de Jesus, consumada na sua morte e ressurreição, são, por isso, a nossa chave de interpretação das Escrituras. Quem ignora Cristo não entenderá jamais as Escrituras. Eis porque é tão importante para a fé sólida dos cristãos uma religiosa e assídua familiaridade com a Palavra de Deus, pois “*a fé vem de ouvir a Palavra de Deus*” (*Rm* 10,17).

4. Esta Palavra, inspirada por Deus e dita em linguagem humana, é “*útil para ensinar, refutar, corrigir e educar na justiça*” (2 *Tm* 3,16) e conduzir-nos à salvação. Precisamos de descobrir o tesouro desta Palavra, para permanecer e crescer no conhecimento íntimo e vital e na amizade pessoal com Cristo. A Bíblia não pode ser um livro decorativo, às vezes, carregado de pó. A Bíblia não pode ser património só de alguns e, menos ainda, uma coletânea de livros para poucos privilegiados. É o livro de todo o povo de Deus. Eis porque é tão importante a proclamação cuidada e a escuta atenta da Palavra de Deus, na celebração da Eucaristia, pois a Palavra de Deus mal proclamada é como que um *aborto* daquela vida nova, que podia germinar desta boa semente, no coração de quem a acolhe com amor.

5. Mas não basta. É preciso aprender *a ler, a meditar, a rezar e a viver* esta Palavra de Deus, em cada dia. Tomemos contacto diário com esta Palavra, começando pelo Evangelho do dia e pela oração dos Salmos. Deixemos as *redes sociais* que nos prendem e enredam, mas saibamos lançar mão destas mesmas redes e novas tecnologias, para escutar e anunciar a Palavra de Deus. Esta Palavra já não é só um livro de bolso! Ela está a um *clique* no telemóvel ou no computador. Nunca como hoje se pôde dizer, com tal propriedade, que “*esta palavra está muito perto de ti, na tua boca e no teu coração, para a praticares*” (*Dt* 30,14). Como Maria, tornemo-nos ouvintes e servidores desta Palavra, que é espírito e vida!

**Sugestões para uma Homilia dialogada – Domingo da Palavra 2020**

A Homilia pode ser feita em jeito de *lectio divina*, seguindo, de modo simples, pelo menos, os 4 passos: leitura, meditação, oração, ação. Para tal devem convidar-se os presentes a abrir a Bíblia, na passagem do Evangelho que acabaram de ouvir. É interessante manter uma conversação familiar com a assembleia, fazendo perguntas, de forma orientada, para ajudar os fiéis a descobrir as riquezas da Palavra.

**1.** O facto do Evangelho deste III Domingo Comum (Ano A) citar e modificar uma passagem de Isaías (*Is* 8,23-9,1) é uma boa pista para ajudar a compreender a relação de continuidade, rutura e separação entre o Antigo e o Novo Testamento: «*O NT está oculto no AT e o Antigo está patente no Novo*» (Santo Agostinho).

**2.** O Evangelho, por sua vez, reporta-nos ao início do ministério público de Jesus na Galileia e destaca o anúncio central de Jesus: o convite à conversão e a oferta do Reino.

**3.** A resposta dos primeiros discípulos ao chamamento de Jesus é um bom modelo de quem escuta a Palavra e lhe obedece, sem se deixar “enredar” pela teia dos interesses pessoais.

**4.** A ação de Jesus, que prega e cura, põe em evidência a necessidade de uma evangelização que se faz não apenas da Palavra anunciada, mas da Palavra vivida e testemunhada, posta em prática. A Palavra de Jesus é eficaz (realiza o que diz) e os gestos de Jesus são eloquentes (falam por Ele).

**5.** Na 2.ª leitura, São Paulo dá testemunho da centralidade do anúncio da Boa Nova, na sua missão. E fá-lo não com palavras da sabedoria humana, mas com a Palavra da Cruz, a Palavra definitiva do amor de Deus, que Se revela em Jesus. É à luz de Jesus que toda a Escritura deve ser lida. Ele é a Palavra, que Se fez Carne e nos dá vida.

# Nota:

# As monições, orações e sugestões litúrgicas, deste domingo, estão nos guiões elaborados para as diversas celebrações (Missas vespertinas, no sábado, às 16h00 e às 19h00 | Entrega da Bíblia ao 4.º ano, no domingo, às 10h00; Missas dominicais às 11h00 e, excecionalmente, às 16h00).

# OUTRAS HOMILIAS E COMENTÁRIOS

**III DOMINGO COMUM A**

# Deus está aqui, mas andamos distraídos – Comentário de Ermes Ronchi

João Batista foi preso, cala-se a grande voz do rio Jordão, mas levanta-se uma voz livre junto ao lago da Galileia (cf. Mateus 4,12-23). Anda à vista de todos, sem medo, um imprudente jovem rabi, só, e vai enfrentar fronteiras, na mestiça Galileia, crisol de gentes, quase Síria, quase Líbano, região quase perdida para a fé.

Começou a pregar e a dizer: convertei-vos, porque o Reino dos Céus está próximo. Estamos perante a mensagem geradora do Evangelho. A bela notícia não é «convertei-vos», a palavra nova e poderosa está no pequeno termo «está próximo»: o Reino está próximo, e não distante; o Céu está próximo, e não perdido; Deus está próximo, está aqui, e não para além das estrelas. Há pólen divino no mundo. Estamos mergulhados nele. Deus veio, força de proximidade dos corações, «força de coesão dos átomos, força de atração das constelações» (Turoldo).

O que é esta paixão de proximidade nova e antiga que percorre o mundo? Não é outra coisa que o amor, que se exprime em toda a potência e variedade do seu fogo. «O amor é paixão de unir-se ao amado» (Tomás de Aquino), paixão de proximidade, paixão de comunhão imensa: de Deus com a humanidade, de Adão com Eva, da mãe com o filho, do amigo com o amigo, das estrelas com as outras estrelas.

«Convertei-vos», então, significa: dai-vos conta disso! Voltai-vos para a luz, porque a luz já aqui está. A notícia belíssima é esta: Deus está em ação, aqui entre as colinas e o lago, pelas estradas de Cafarnaum e de Betsaida, para curar a tristeza e o desamor do mundo. E cada estrada do mundo é a Galileia. Nós, em vez disso, caminhamos distraídos e pisamos tesouros, passamos ao lado de pedras preciosas e não nos damos conta.

O Evangelho de Mateus fala do «Reino dos Céus», que é como dizer «Reino de Deus»: e é a Terra como Deus sonha; o projeto de uma nova arquitetura do mundo e das relações humanas; uma história finalmente livre do engano e da violência; uma luz que ilumina por dentro, uma força que penetra a trama secreta da história, que circula nas coisas, que não está parada, que impele para o alto, como o fermento, como a semente. A vida que reparte. E Deus dentro dela.

Enquanto caminhava ao longo do mar da Galileia, vê dois irmãos que lançavam as redes ao mar. Jesus caminha, mas não quer agir sozinho, precisa de homens e também de mulheres que lhe sejam próximos (cf. Lucas 8,1-3), que mostrem o rosto belo, nobre e luminoso do Reino e da sua força de comunhão. E chama-os a ousar, a ser algo loucos, como Ele.

Passa por toda a Galileia alguém que cura o homem. Passa alguém que sabe tornar a dar encanto à vida. E atrás dele vão homens e mulheres sem dotes especiais, e atrás dele vamos também nós, pequenos anunciadores, para que grande seja só o anúncio.

Terra nova, ao longo do mar da Galileia. E aqui, sobre nós, um céu novo. Este rabi coloca-me à disposição um tesouro, de vida e de amor, um tesouro que não engana, que não desilude. Escuto-o e sinto que a felicidade não é uma quimera, é possível, melhor, está próxima.

Ermes Ronchi   
In [Avvenire](https://www.avvenire.it/rubriche/pagine/il-signoree-qui-ma-riusciamoa-distrarci%22)   
Trad.: Rui Jorge Martins   
Imagem: ChimS/Bigstock.com   
Publicado em 23.01.2020

**Homilia no III Domingo Comum A 2017**

**1.** É surpreendente e escandalosa a estratégia pastoral de Jesus! A **primeira surpresa escandalosa** é que Jesus não inicia a Sua vida pública em Jerusalém, o centro religioso, social e político de Israel. A Sua missão começa numa zona periférica, numa região desprezada pelos judeus piedosos, devido à presença de diversas populações estrangeiras; por isso o profeta Isaías a indica como «*Galileia dos povos*» (Is 8,23), terra de pagãos. Jesus enfrenta corajosamente este ambiente urbano, esta mistura de raças, culturas e religiões. Sai ao seu encontro, na certeza de que Deus habita na cidade, a começar pelos pobres. Sai para Se encontrar, para ouvir, para abençoar, para caminhar com as pessoas…

**2.** Também nós estamos hoje imersos numa «*Galileia dos povos*». Dominados pelo medo, somos tentados a construir recintos fechados, condomínios privados, para aí nos sentarmos e sentirmos mais seguros, mais protegidos, fazendo, por exemplo, da paróquia, *“um grupo de eleitos que olham, para si mesmos, e não um centro de constante envio missionário*” (EG, 28). Partindo da Galileia, Jesus ensina-nos o contrário: partir da periferia, dos últimos, dos pobres, dos resíduos, dos não crentes, dos distantes, dos que procuram, para alcançar a todos! É, pois, urgente «*sair do próprio conforto e ter a coragem de chegar a todas as periferias que precisam da luz do Evangelho*» (EG, 20).

**3.** E há uma **segunda surpresa escandalosa!** Jesus começa a Sua missão por pessoas, que se diriam hoje «*de perfil baixo*». Para escolher os Seus primeiros discípulos e futuros apóstolos, não Se dirige às escolas dos escribas e dos doutores da Lei, mas às pessoas humildes e simples, que se preparam com empenho para a vinda do Reino de Deus. Jesus vai chamá-los lá onde eles trabalham, nas margens do lago: são pescadores. Chama-os e eles seguem-n’O imediatamente: a sua vida tornar-se-á, com Jesus, uma aventura fascinante.

**4.** Queridos irmãos e irmãs: o Senhor chama também hoje! O Senhor passa pelas estradas da nossa vida diária. O Senhor passa pela nossa praça. E chama-nos a segui-l’O, para andar com Ele, para trabalhar com Ele pelo Reino de Deus, nas «Galileias» dos nossos tempos. Deixemo-nos alcançar pelo Seu olhar, pela Sua voz, e sigamo-l’O, para que a alegria do Evangelho chegue a todos «*e nenhuma periferia fique privada da sua luz*» (EG, 288).

**5.** Seguindo o exemplo de Cristo, é preciso mudar toda a nossa estratégia pastoral. Sugeria apenas duas pistas muito simples, mas revolucionárias:

**Primeira:** não fiquemos sentados nos bancos da igreja à espera de quem chega, mas saiamos ao encontro de quem não vem. Irmão, irmã: sai pelas ruas da cidade, ao encontro dos mais pobres, dos sós e frágeis, mas também atento aos que vagueiam e procuram, sem sossego, uma luz para a sua vida. Sai ao encontro das pessoas, para caminhar com elas, para as ouvir e conversar, e assim lhes facilitares e provocares o encontro com o teu Senhor!

**Segunda:** não façamos proselitismo, como quem procura angariar sócios para um clube. Evangeliza por atração (EG 14), por contágio, pelo testemunho feliz da tua vida e pela beleza da tua comunidade. Sem propaganda, irradia e contagia com a alegria do Evangelho! Usa de ternura e de misericórdia! Atrai, pelo brilho da tua fé, para a Luz, que é Jesus Cristo. *Levanta* essa luz, como a de um farol, que projeta ao longe horizontes novos de esperança! *Leva* essa luz, como a de uma candeia, que ilumina, de perto e no concreto, a escuridão do teu irmão.

E dir-se-á: *o povo da Senhora da Hora, a Galileia dos gentios, viu uma grande luz!*

**HOMILIA NO III DOMINGO COMUM A 2014**

**1.** A grande luz, que se ergueu e levantou, desde a noite de Natal, projeta-se, ao largo e ao longe, no espaço e no tempo! E, com Jesus, em campo, com o feliz anúncio da Boa Nova, esta Luz chega ao litoral, chega às periferias da cidade de Cafarnaum, à Galileia dos gentios, ao mundo dos pagãos! Onde Jesus chega, brilha esta Luz esplêndida! Onde a Boa Nova é proclamada, as sombras da morte dão lugar à luz do novo dia!

**2.** E que tem Jesus a dizer às gentes da cidade, aos citadinos, que se retraem e desconfiam de qualquer vizinho, aos que constroem casas e bairros, “*mais para se isolar e proteger, do que para unir e integrar*” (Papa Francisco, E.G. 75)? Que tem Jesus a dizer, aos meio-citadinos (cf. E.G. 74), que vieram da aldeia e se perderam na confusão da cidade? Que pode dizer Jesus aos *resíduos urbanos*, aos pobres, aos indefesos, aos que não têm lugar na nossa cidade? Que luz se oferece aos que lutam e labutam, para viver ou sobreviver, na cidade (cf. E.G.72)? Que luz projeta o Evangelho, sobre os que andam na faina da vida, à margem do templo, sem tempo para Deus? Duas coisas muito simples: “*Convertei-vos! Porque está próximo o Reino de Deus”* (Mt.4,17)!

**3.**Como se Jesus dissesse: “*levanta os olhos e vê. Deus fez-se próximo, envolve-te, está dentro de ti, cresce em ti. Vira-te para a luz, porque a luz já está aqui. Deixa que esta luz te ilumine. Deixa que esta luz incida sobre ti, e ponha a claro, o que há de belo e de grande em ti*”. Jesus vem dizer à pobre gente da Galileia: “*Está próximo de vós o Reino de Deus!* *Deus está perto de vós. Está já dentro de vós. Há dentro de cada um de vós riquezas e valores, desejos profundos e sentimentos religiosos, buscas e metas de felicidade, que são vestígios da presença oculta de Deus. Deixai que esta luz do Evangelho desvende e descubra os vossos tesouros, ao mesmo tempo que ilumina também os pontos negros da vossa vida e da vida da cidade! Deixai-vos pescar do turvo fundo das águas, para virdes à clara luz do dia! Deixai que esta luz guie os vossos corações, no desejo de uma vida plena.* *A verdade é que estais mergulhados num mar de amor e não vos dais conta disso*”.

**4.** Irmãos e irmãs: precisamos de olhar e amar a nossa cidade, como Jesus a vê e ama. “*Precisamos de identificar a cidade a partir dum olhar contemplativo, isto é, de um olhar de fé, que descubra este Deus que habita nas suas casas, nas suas ruas, nas suas praças. A presença de Deus acompanha a busca sincera que indivíduos e grupos efetuam para encontrar apoio e sentido para a sua vida. Deus vive entre os citadinos, promovendo a solidariedade, a fraternidade, o desejo de bem, de verdade, de justiça. Esta presença não precisa de ser criada, mas descoberta, desvendada. Deus não Se esconde de quantos O buscam com coração sincero, ainda que o façam tateando, de maneira imprecisa e incerta*” (EG 71).

**5.** Cabe a cada um de nós ser portador e reflexo desta luz! E fazê-lo como Jesus: caminhando ao lado das pessoas, chamando a cada um pelo nome, desafiando pessoalmente, um a um, cada pessoa, a descobrir a presença de Deus, que já a habita. Quando vamos ao encontro das pessoas, para lhes anunciar Cristo temos de perceber que Ele vai à nossa frente, vai mais adiante, e já está na vida dessa pessoa! Por isso, eu te exorto, neste domingo: Leva a luz do evangelho, aos mais tristes e sós, aos mais desanimados e descrentes, ao teu familiar e ao teu vizinho mais distante! Vai e leva esta feliz notícia: “*Jesus Cristo ama-te. Deu a vida por ti e agora vive contigo, para te iluminar, fortalecer e libertar*” (E.G. 164). Vai e diz a quem encontrares, na escuridão: “*Deus ama-te e chama-te! O Senhor está contigo! Deus anda por aí, à procura de Ti*”! Que as portas da cidade e as janelas da tua casa se abram para esta luz, “*que te ilumina e salva”* (Sl.26/27, 1)!

**Homilia no III Domingo Comum A 2011**

**1.** Jesus vem a público, para mudar a sorte do seu Povo e entra «*em campanha*» pelo Reino de Deus! Para trás, fica presa a voz de João Batista. Para longe, ficam trinta anos de silêncio, em Nazaré. Agora é a Palavra de Deus, que se faz ver, ouvir e acontecer. E, deste modo, em Jesus, o Reino dos céus, entra neste mundo, pelas terras da Galileia. Pode dizer-se que uma luz de vida e de esperança, se levanta sobre um povo inteiro, que jazia nas trevas, do medo e da morte!

Jesus entra e começa pelo norte e pelo litoral, pela Galileia dos gentios. Vai habitar em Cafarnaum, terra à beira-mar, cidade fronteiriça, praça de muita e variada gente, terra mal vista aos olhos dos judeus, por estar edificada sobre cemitério antigo. Terra impura, na Galileia dos pagãos, virada para o lado de lá, donde vinham, através do lago, cheiros e costumes de má reputação.

Nas margens do Mar da Galileia, Jesus chama gente pouco recomendada, para a aventura de uma pesca nova: *pescar homens e mulheres*, o mesmo é dizer, tirar do fundo vidas afogadas, fazer vir à luz corações tristes, e reunir os filhos dispersos, no mesmo lugar do coração de Cristo. E eles, Simão e André, Tiago e João, dois pares de irmãos, sem se deixar enredar pelas ocupações e preocupações da vida, seguiram Jesus! Não como quem segue uma ideia, mas com a alegria de terem sido escolhidos por Jesus, para estarem com Ele, com Ele viverem e conviverem. Aqui se vê, que “*ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa [Jesus Cristo] que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo*” (Bento XVI, Enc. Deus caritas est, 1).

**2.** Do longo Evangelho deste domingo, destacaríamos hoje o seguinte: ao deixar a pacata Nazaré, para ir a uma cidade fronteiriça e complexa, Jesus escolhe o terreno árido e fértil, do mundo da cidade e dos pagãos. A Cidade atraiu Jesus, como primeiro campo de missão. Este é um facto que nos põe diante do desafio da evangelização, sobretudo dos meios mais difíceis, das pequenas e grandes cidades, dos aglomerados urbanos, dos meios mais frios e distantes, de Cristo e da Igreja! Todos sabemos, hoje, que mesmo na pequena aldeia, “*já não são os campanários das igrejas, que marcam o ritmo da vida das pessoas. A**Boa Nova de Jesus Cristo é cada vez menos conhecida. E para uma parte significativa daqueles que dizem conhecê-la, é notório, que já perdeu muito do seu encanto e significado*» (CEP, Para um rosto missionário, 3).

**3.** “*Num tempo como este, já não é suficiente reformar estruturas. É necessário converter a nossa vida, expondo-nos permanentemente àquela rajada de verbos do Senhor Jesus: «vai», «vende», «dá», «vem» e «segue-Me» e transformarmo-nos em testemunhas de Cristo, no nosso ambiente e em toda a parte! Entre tantas urgências da Igreja, todos temos de reconhecer que o mais urgente é ainda e sempre a missão. É, portanto, necessário e inadiável levantar-se e partir em missão*” (cf. CEP, Para um rosto missionário, 11)**.** E esta missão, como nos disse o Papa no Porto, «*não parte de territórios, nem se dirige a territórios, mas parte do coração e dirige-se ao coração*»!

**4.** Queridos irmãos e irmãs: Na nossa cidade, nos nossos ambientes de profissão, de estudo e convívio, nas nossas viagens de trabalho ou de lazer, encontramos muitas pessoas, que hesitam entre a fé e a descrença, entre o sentimento religioso e a desilusão de Deus, entre a revolta e o desejo de regresso à Igreja! Elas precisam muito da atenção pessoal de cada um nós, de modo a sermos para elas, guias hábeis e amorosos, que as possam entusiasmar na fé, através do diálogo, do conforto, do testemunho. “*Evangelizar não significa necessariamente tornar cristãos todos os homens, nem fazer voltar à Igreja todos os batizados. Evangelizar é anunciar, com factos e palavras, e assim dar a possibilidade, a quem tem boa vontade, de poder ouvir uma boa nova e aprofundá-la e, se assim decidir, acolhê-la», Deste modo evangelizamos, preparados para a aceitação e para a recusa, sem esperar sucessos estrondosos ou conversões em massa*” (C. Martini).

**5.** Talvez nos assuste este desafio, de «*pesca à linha*» por nos sentirmos, também nós, neste mar e nesta maré, uns pobres pecadores, uns pobres pescadores! Mas confiemos, na graça de Deus, que está dentro de cada pessoa e mostremo-nos disponíveis, para a missão. Rezemos, como o escritor francês Charles Péguy (1873-1914), dizendo: *“Senhor, se necessitas de virgens, se necessitas de valentes sob o teu estandarte, aí estão Clara, Teresa, Domingos, Francisco, Inácio…, aí estão Lourenço, Cecília… (…) e tantos outros santos! Mas se, por acaso, alguma vez precisares de um preguiçoso, e de um medíocre, de um ou outro ignorante, de um orgulhoso, de um cobarde, de um ingrato e de um impuro, de um homem cujo coração esteve fechado e cujo rosto foi duro…, aqui estou eu. Quando te faltarem os outros, a mim sempre me terás*”!

**Homilia no III Domingo Comum A 2008**

*“Ó mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal”!*

(Fernando Pessoa)

**1.** Pela fé e pelo império, lançamo-nos, outrora, ao mar. Dobramos corajosamente o Cabo das Tormentas e foi, pelo Mar, que demos caminho ao Evangelho e conquistamos boa parte do mundo. Tão salgado nos ficou o nosso mar, mas já secámos, no ar do tempo e na luz do sol, quase todas as lágrimas. E o Mar, que é nosso, desde há muito, tornou-se, para nós, companhia de férias, fonte de riqueza, de lazer, de saúde e de beleza. Mas para um judeu, como para um qualquer conterrâneo de Jesus, o mar não tinha esta beleza, nem esta riqueza. Tampouco, daria uma poesia! O mar era, sobretudo, para os povos hebreus, o símbolo acabado do mal e da morte, por quanto aparecia, como lugar do caos, uma espécie de monstro indomável, sempre pronto a engolir a vida humana e a ameaçar a terra. No imaginário dos judeus, é verdade, não havia a sombra de um Adamastor, ligado ao medo do mar imenso, mas não faltavam, na crença popular, monstros marinhos, a habitar as suas profundezas. Por ironia, os inimigos de estimação de Israel eram também eles, povos do mar. De modo que o mar, imprevisível na sua turbulência, figurava como lugar, por excelência, da escuridão, do afogamento, da perdição e da morte!

**2.** Esta visão terrível e negativa do mar ajuda-nos a entender melhor a graça e o desafio de Jesus, a quatro pescadores ribeirinhos, ali, nas margens do Lago da Galileia, a que curiosamente chamavam «mar» de Tiberíades. “Pescados” no seu trabalho, eles seguiram Jesus, com enorme prontidão, como a luz atrai os peixes à tona das águas. “Pescados”, retirados da sua solidão, da rotina, da fadiga do viver e morrer às escuras, eles são chamados a ser “pescadores de homens”! Mas, neste caso, “pescar” é mesmo ir ali, ao fundo do mar, e tem um sentido novo: “pescar homens” significa salvar do afogamento, libertar do mal, retirar da confusão, libertar da escuridão, trazer para a luz, fazer o Homem chegar à Terra da Promessa.

**3.** Vede bem: para o peixe, criado na água e para a água, é fatal ser tirado, para fora do mar. Ele é então privado do seu elemento vital, para servir de alimento ao homem. Mas, na missão do pescador de homens, acontece o contrário. É preciso retirar do mar, para encontrar a vida. De algum modo, todos nós, vivemos como que alienados, “afogados”, nas águas salgadas do sofrimento e da morte; sem Deus, vivemos, como que num mar de obscuridade, sem luz e sem esperança de vida. Ser pescado significa que a rede do Evangelho nos tira para fora das águas da morte e nos conduz ao esplendor da luz de Deus, à verdadeira vida. É precisamente esta a missão do pescador de homens, no seguimento de Cristo: conduzir os homens para fora do mar salgado de todas as alienações, rumo à terra da vida, rumo à luz de Deus.

**4.** Meus caros irmãos e irmãs: Duas linhas, para concretizar a nossa reflexão.

Primeira, pensemos nisto: também eu fui «pescado», porque querido por Deus, amado por Ele e necessário a Ele. Não sou o produto casual e cego, de uma qualquer evolução. Sou fruto de um pensamento de Deus. Pelo Batismo, saí das águas para a luz, são e salvo. Importa agora, deixar-me “pescar” por este Deus, que se abeira de mim, deixar-me amar, de novo, deixar-me atrair, pelo olhar fascinante e penetrante de Jesus, que me ama e me chama. Não há nada mais belo do que ser alcançado, surpreendido, salvo, pelo próprio Cristo.

Segunda linha de reflexão: Também não há nada de mais belo, depois de que conhecer Jesus, do que comunicar aos outros a Sua amizade. Fomos pescados por Cristo e somos cristãos, para mostrar o rosto de Deus aos homens. Fazemo-lo com esta certeza: só ali, onde se vê Deus, é que começa verdadeiramente a vida. Só quando encontramos Cristo, Luz do Deus vivo, é que sabemos e conhecemos o que é a Vida verdadeira.

**5.** Pescados, por Jesus, também, hoje, somos desafiados a lançar as redes do nosso olhar e da nossa mão, as redes da nossa comunhão ou da nossa comunicação, para conquistar todos os Homens, para o Evangelho, para Deus, para Cristo, enfim, para a vida verdadeira. Falemos então de Cristo, mostremos o seu rosto, com entusiasmo, a todos e a quantos encontrarmos, afogados no seu mar salgado de dúvidas ou de dívidas, de voltas ou de revoltas, de ondas ou marés. Estejamos sempre prontos a lançar as redes e a “pescar” ou a “repescar”. E não desanimemos nunca. É tão bela e grande a tarefa do *pescador de homens*! Porque, em definitivo, é um serviço à alegria, à alegria de Deus, que quer entrar nas trevas do nosso mundo, para ser a Luz e a Vida da nossa Vida.

**HOMILIA NO III DOMINGO COMUM A 2005**

**1.** *Que não haja divisões entre vós!* Perante o *escândalo* da divisão na comunidade cristã, Paulo pergunta se *estará Cristo dividido?!* Para depois, colocar os cristãos de Corinto, diante do seu Cristo, *como o único fundamento da Igreja* (1 Cor. 3,1-23)! Na verdade, a divisão ofende a unidade querida por Jesus, que veio à terra precisamente para abrir aos homens caminhos de luz e decomunhão.

**2.** Há dois mil anos, Cristo permanece presente através do Espírito Santo (I Pe.3,18; Rom.1,4; I Tim.3,16) e esta sua presença misteriosa torna-se concreta numa comunhão visível. Esta comunhão visível tem o nome de “*Igreja”*. «*Comunhão*» é, por isso, um dos mais belos nomes que a Igreja tem: nela, não pode haver rivalidades ou ódios mútuos, mas transparência, bondade do coração, compaixão…

**3.** Não vale a pena pôr em causa a unidade, em nome dos defeitos na Igreja, ou insistir ou desistir da Igreja, em nome de Jesus. Porque a Igreja não existe para si própria, mas para ser «*sinal e instrumento*» da unidade do género humano e da comunhão dos homens com Deus (LG 1). Cabe à Igreja acender no mundo esta luz, ser na terra este fermento de unidade e de paz. No coração de Deus, a Igreja é sempre una! Não pode estar dividida!

**[4.** Mas eis que, na história da Igreja, multidões de cristãos descobriram-se separados, muitas vezes sem saberem porquê! Restabelecer a comunhão é hoje sentido pelos cristãos como uma urgência inadiável. Há sinais positivos deste esforço de unidade, como por exemplo, o encontro dos jovens de Taizé e a celebração desta Semana de Oração pela unidade dos Cristãos. Taizé, ao reunir em oração e numa vida simples uma comunidade de cristãos, sem distintivos de confissão de fé, é já uma *parábola viva* desta unidade (João Paulo II)**]**.

**5.** Será sempre fácil dizermos que esta *unidade entre as Igrejas cristãs*, não depende de nós, que afinal nada temos que ver com os protestantes, e nem sequer nada percebemos do que nos distingue dos ortodoxos. Mas a verdade é que esta *unidade depende de cada um*.

Depende de gestos simples e concretos de paz e de comunhão, a começar com aqueles que estão à nossa volta, com os que veem celebrar connosco a fé e com os não praticantes, a quem é preciso chamar e lançar-lhes as redes do evangelho.

Essa unidade, depende, antes de mais, da nossa capacidade de ir, de partir ao encontro dos outros, dos mais distantes, e agora e sobretudo, dos *nossos imigrantes*, como irmãos na fé e no batismo, mesmo que de tradição religiosa diferente.

No concreto do dia a dia, em casa, na paróquia, no trabalho, na escola, trata-se de tecer com paciência o fio da comunhão, na *bondade e no perdão*... a começar por esta nossa Casa da Igreja... a começar pela Igreja da nossa Casa... a começar pelas fronteiras largas do coração de cada um de nós!

## HOMILIA NO III DOMINGO COMUM A 2005

**1.** *Que não haja divisões entre vós!* Perante o *escândalo* da divisão na comunidade cristã, Paulo pergunta se *estará Cristo dividido?!* Para depois, colocar os cristãos de Corinto, diante do seu Cristo, *como o único fundamento da Igreja* (1 Cor. 3,1-23)! Na verdade, a divisão ofende a unidade querida por Jesus, que veio à terra precisamente para abrir aos homens caminhos de luz e decomunhão.

**2.** Há dois mil anos, Cristo permanece presente através do Espírito Santo, (I Pe.3,18; Rom.1,4; I Tim.3,16) e esta sua presença misteriosa torna-se concreta numa comunhão visível. Esta comunhão visível tem o nome de “*Igreja”*. «*Comunhão*» é, por isso, um dos mais belos nomes que a Igreja tem: nela, não pode haver rivalidades ou ódios mútuos, mas transparência, bondade do coração, compaixão…

**3.** Mas eis que, na história da Igreja, multidões de cristãos descobriram-se separados, muitas vezes sem saberem porquê! Restabelecer a comunhão é hoje sentido pelos cristãos como uma urgência inadiável. E esta é a Semana ecuménica em que rezamos por esta unidade.

**4.** Será sempre fácil dizermos que esta *unidade entre as Igrejas cristãs*, não depende de nós, que afinal nada temos que ver com os protestantes, e nem sequer nada percebemos do que nos distingue dos ortodoxos. Mas a verdade é que esta *unidade depende de cada um*.

Depende de gestos simples e concretos de paz e de comunhão, a começar com aqueles que estão à nossa volta, com os que veem celebrar connosco a fé e com os não praticantes.

Essa unidade, depende, antes de mais, da nossa capacidade de partir ao encontro dos outros, dos que estão *a leste*, dos *nossos imigrantes*, como irmãos na fé e no batismo, mesmo que de tradição religiosa diferente.

**5.** No concreto do dia a dia, em casa, na paróquia, no trabalho, na escola, trata-se de tecer com paciência o fio da comunhão, na *bondade e no perdão*... a começar por esta nossa Casa da Igreja... a começar pela Igreja da nossa Casa... a começar pelas fronteiras largas do coração de cada um de nós!

**Homilia no III Domingo do Tempo Comum A 2002[[1]](#footnote-1)**

1. “*O**povo que andava nas trevas viu uma grande luz; para aqueles que habitavam nas sombras da morte uma luz se levantou*”! Que significam, irmãos caríssimos, estas trevas, sobre as quais se diz que “resplandece uma luz”?

a) Em primeiro lugar é todo o **mundo interior do homem**, onde ainda não chegou a luz do evangelho. É o **buraco negro do coração** humano, ainda fechado ao amor. Pensamos então naquelas trevas que são fruto dos nossos pecados pessoais: os crimes que obscurecem e embrutecem a humanidade e ofuscam a alma de quem os comete, como a violência, o roubo, as traições, a desonestidade, o ódio, as infidelidades... «Quem diz que está na luz e tem ódio a seu irmão, ainda está nas trevas e nas trevas caminha, sem saber para onde vai, porque as trevas lhe cegaram os olhos» (I Jo.2,11).

b) Dentro destas, há ainda as trevas naqueles que estão impedidos de ver a Deus, porque “cegados” pelas paixões, pela **malícia da sensualidade e do erotismo**, que turba e perturba o olhar do coração. «A lâmpada do teu corpo são os olhos; se os teus olhos estiverem sãos, todo o teu corpo andará iluminado. Se porém os teus olhos estiverem doentes, todo o teu corpo andará em trevas. Porque se a luz que há em ti são trevas, óh, quão grandes serão essas trevas» (Mt.6,22-23);

c) Há, ainda, à nossa volta, aquelas trevas que se identificam com tantas **aberrações sociais**, com certas formas de desordem que desgastam e rompem a sociedade, pondo-a enferma e fazendo-a sofrer, como a crise do trabalho, a crise económica, a corrupção generalizada, a crise política, as quais fazem perder o sentido e as razões de estarmos juntos e geram conflitos, guerras e discórdias. Neste contexto, o Papa classificou o dia do ataque terrorista de 11 de setembro como «*um dia obscuro na história da humanidade*».

d) Há, ainda no ar que respiramos, as trevas próprias de **uma cultura, que se julga iluminada pela razão**, mas a quem falta a luz da fé. Há grandes trevas, «quando muitos dos nossos contemporâneos pensam e **vivem como se Deus não existisse**, ou se deixam atrair para formas irracionais de religiosidade» ... São as trevas de uma certa mentalidade, que, ao ter perdido os valores altos, já não lhe fica a mínima força para desmascarar, para superar e fazer frente, às aberrações sociais.

e) Há, por último, as mais densas trevas, que se ocultam neste **propositado esquecimento** **dos juízos últimos da vida do homem**, ignorando a pergunta e negando a resposta, sobre o significado da existência, da vida e da morte. Em definitivo, trata-se da perda da esperança, num futuro eterno.

É destes que perderam o sentido e a alegria de viver, dos que vivem sem dignidade moral e sem condição social, sem esperança e sem futuro, que se pode dizer «*que habitam nas sombras da morte*»... e para os quais uma luz se levantou!

2. Esta luz é Cristo. A sua Palavra consoladora. Os seus gestos libertadores. A sua graça redentora. Foi à noite deste mundo, envolto em trevas, que Deus enviou a sua Luz. “A luz brilha nas trevas” (Jo.1,5), diz São João. E esta luz é Cristo, «a Luz verdadeira que, ao vir a este mundo, ilumina todo o Homem» (Jo.1,9). Só «as trevas não O receberam» (Jo.1,5).

**3.** Perguntar-nos-emos agora, como dissipar as trevas deste tempo? E a resposta pode ser simples: **caminhar na Luz!** Apontemos então algumas vias, a partir dos textos de hoje, que nos permitam caminhar como filhos da Luz:

**a) Em primeiro lugar, o arrependimento dos pecados**. É por aí que Jesus começa a descerrar as trevas do coração humano, apregoando com insistência: «convertei-vos, porque está perto o Reino dos Céus». De certo modo está a dizer a cada um: «Examina, pois, se a luz que há em ti não é escuridão. Se todo o teu corpo está iluminado, não tendo parte alguma tenebrosa, todo ele será luminoso, como quando a candeia te ilumina, com o seu fulgor» (Lc.11,36). Mas «se dizemos que não temos pecados, a verdade não está em nós». Pelo contrário, «se confessarmos os nossos pecados Deus é fiel e justo para nos perdoar» (I Jo.1,8-9). Deixemo-nos então expor a esta luz, porque é «nesta luz que veremos a Luz» (Sal.35,10).

**b)** Este arrependimento decorre do **acolhimento da Palavra**, que fazemos particular e intensamente **na oração**. Quando não vemos claro, quando a noite parece invencível, há que aprofundar o estudo da Palavra de Deus e deixar que ela ilumine a nossa mente e o nosso coração. Contemplando a luz que refulge no rosto de Cristo ressuscitado, aprenderemos a viver como «filhos da luz e filhos do dia» (*1Ts* 5,5), mostrando a todos que «o fruto da luz consiste na bondade, na justiça e na verdade» (*Ef* 5,9).

**c)** Encontramos a luz **no seguimento de Jesus**. Ele próprio nos disse: «Eu sou a Luz do mundo. Quem me segue não anda nas trevas, mas terá a luz da vida» (Jo.8,12). O encontro pessoal com Cristo ilumina a nossa vida com uma nova luz, orienta-nos pelo bom caminho e leva-nos a ser suas testemunhas.

**d)** Muito importante para vencer as trevas do medo, da desolação, da solidão, do desencanto, é a **participação na vida da comunidade**. Somos chamados, por Deus, do fundo do abismo, somos (re)pescados e trazidos à rede, para estarmos juntos. É preciso vencer a teia dos nossos problemas, tecendo uma «rede» nova de relações; não é solução fugir do grupo, da Igreja, da comunidade, caminhar sozinho, isolado, separado. «Se caminharmos na Luz, como Ele está na Luz, estamos em comunhão uns com os outros» (I Jo.1,6).

e) Em muitos casos, em que nos perdemos do contacto com a comunidade e com o evangelho, e caímos nas trevas da superstição, da bruxaria, do mundo negro da magia, importa **reconstruir a nossa comunhão**, de certo modo, «**consertar as redes**», refazer a unidade, voltar à comunhão; regressar à casa da Igreja, e entrar no mesmo barco...

f) Todo este caminho, de luta contra as trevas, terá de ser iluminado pela luz da **caridade.** «Quem ama o seu irmão permanece na luz e não corre o risco de tropeçar»... «Se matares a tua fome ao indigente a tua luz brilhará na escuridão» (Is.58,9-14), diz o Profeta.

**Irmãos caríssimos**:

«Mesmo quando a força das trevas parece prevalecer, o crente sabe que o mal e a morte não são a última palavra. A esperança cristã fundamenta-se nisto; e é aí que se alimenta a nossa confiança orante». O Papa em Assis entregou uma candeia acesa a cada líder religioso e disse: «avancemos para o futuro erguendo bem alto esta chama da Paz... O mundo tem necessidade desta luz». Vós sois a Luz do Mundo!

# Homilia no III Domingo do Tempo Comum A 2002 – Missas de 7.º Dia

**1.** “Opovo que andava nas trevas viu uma grande luz; para aqueles que habitavam nas sombras da morte uma luz se levantou”! Que significam, irmãos caríssimos, estas trevas, sobre as quais se diz que “resplandece uma luz”?

a) Em primeiro lugar é todo o **mundo interior do homem**, onde ainda não chegou a luz do evangelho. É o **buraco negro do coração** humano, ainda fechado ao amor e à esperança. «Quem diz que está na luz e tem ódio a seu irmão, ainda está nas trevas e nas trevas caminha, sem saber para onde vai, porque as trevas lhe cegaram os olhos» (I Jo.2,11).

b) Há, ainda, e à nossa volta, aquelas trevas que se identificam com tantas **aberrações sociais**, com certas formas de desordem que desgastam e rompem a sociedade, pondo-a enferma e fazendo-a sofrer, como a crise do trabalho, a crise económica, a corrupção generalizada, a crise política, as quais fazem perder o sentido e as razões de estarmos juntos e geram conflitos, guerras e discórdias.

c) Há, também e, subtilmente, no ar que respiramos, as trevas próprias de **uma cultura, que se julga iluminada pela razão**, mas a quem falta a luz da fé. Há grandes trevas, «quando muitos dos nossos contemporâneos pensam e **vivem como se Deus não existisse**, ou se deixam atrair para formas irracionais de religiosidade».

d) Há, por fim, as mais densas trevas, que se ocultam neste **propositado esquecimento** **dos juízos últimos da vida do homem**, ignorando a pergunta e negando a resposta, sobre o significado último da existência, da vida e da morte. Em definitivo, trata-se da perda da esperança, num futuro eterno. É sobretudo, face ao mistério da morte, que o homem, desprevenido de esperança, se debate com as mais densas trevas do desespero e da angústia, podendo mesmo desesperar no suicídio. É destes que perderam o sentido e a alegria de viver, dos que vivem sem dignidade moral e sem condição social, sem esperança e sem futuro, que se pode dizer «*que habitam nas sombras da morte*»... e para os quais uma luz se levantou!

2. Esta luz é Cristo. A sua Palavra consoladora. Os seus gestos libertadores. A sua graça redentora. Foi à noite deste mundo, envolto em trevas, que Deus enviou a sua Luz. “A luz brilha nas trevas” (Jo.1,5), diz São João. E esta luz é Cristo, «a Luz verdadeira que, ao vir a este mundo, ilumina todo o Homem» (Jo.1,9), Ilumina a dor, sem eliminar o sofrimento. Ilumina a morte, sem a eliminar, na sua dimensão realmente humana. Pela sua Ressurreição de entre os mortos, fomos todos salvos «graças ao coração misericordioso do nosso Deus, que das alturas nos visita como Sol nascente, para iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte e dirigir os nossos passos no caminho da Paz» (Lc.1,78-79).

**3. Caríssimos irmãos.** É o próprio Jesus que diz de si: “Eu sou a Luz do mundo. Quem Me segue não andará nas trevas, mas terá a luz da vida» (*Jo* 8,12). O encontro pessoal com Cristo ilumina a vida e a morte com uma nova luz. Também nós, somos chamados, neste tempo e no coração da cidade, a projetar esta luz de esperança e de vida nas sombras da morte, de tantos irmãos, mortos, sem vida e sem esperança. É o próprio Jesus que nos diz: “*Vós sois a Luz do Mundo”!(Mt.5,13-14)* Tanto para os discípulos que ouviram Jesus como para nós, o símbolo da luz evoca aquele desejo de verdade e sede de chegar à plenitude do conhecimento que estão gravados no íntimo de todo o ser humano. Sabemos que o Homem, só pelo passo decisivo e libertador da morte, tem acesso total a esta Luz. «*Na vossa Luz, Senhor, veremos a luz*», exclama o salmista.

**4.** **Caríssimos irmãos:** Disse-nos depois o Senhor que«*não se acende a candeia para a colocar debaixo do alqueire*» (*Mt* 5,15)! Não seria justo, também eu, deixar, nesta dia e nesta noite, apagar-se o fulgor desta luz, cuja presença amiga ardeu, aqui, viva entre nós, até se consumir por inteiro e se tornar «luz da Luz». A luz de que nos fala Jesus no Evangelho é a fé, dom gratuito de Deus que vem iluminar o coração e esclarecer a inteligência.

Hoje, entre outros que partiram, rezamos pelo nosso irmão, o Sr. Engenheiro Meireles. Ele permanecerá diante da comunidade, como verdadeira testemunha desta luz, pelo seu admirável exemplo de fé. Uma fé simples, capaz de se ajoelhar aqui, nesta madeira dura, e não querer sentar-se, para poder pedir perdão da forma mais humilde. Uma fé fiel à comunidade, da qual não se alheava nunca, fazendo da Eucaristia o seu pão de cada dia. Uma fé generosa, capaz de riscar e arriscar o nome próprio e de perder o seu tempo e esquecer a sua vida, para os ganhar em favor de tantos outros.

Era a fé, o que ele mais apreciava em mim e o que eu mais admirava nele. Aí, ao fundo da Igreja, nos últimos bancos, ao lado da sua esposa, domingo a domingo, os seus cabelos brancos faziam dele um venerando patriarca, um verdadeiro pai da fé, um Abraão, ressuscitado e ao vivo, entre a assembleia, um ancião, que quando me queria consolar não dizia nada... chorava. Foi esta fé que fez dele um luminar dos meus caminhos. E que o tornará, no céu, uma estrela a guiar os nossos passos no caminho da Luz.

Quero dar graças a Deus, por todos, mas sobretudo por este Homem de Deus. «Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é que brilhou no seu coração, para que ele irradiasse o conhecimento da glória de Deus, que se reflete na face de Cristo» (*2 Cor* 4,6).

## Homilia no III Domingo Comum A 1999

Apanhado na rede ou apanhar a rede! Não é mesmo a mesma coisa!

**1.** *Apanhado na rede*, é o homem desprevenido, que na ilusão da publicidade ou na promessa de mundos e fundos, ali cai e dali não sai, senão por um preço bem elevado. Não faltam, por aí, redes, armadilhas montadas pelos negociantes do prazer, pelos vendedores do sucesso, pelos profetas de felicidade ao desbarato! São redes para apanhar e prender o homem aos seus vícios, às suas baixezas, num enredo que se torna a teia da sua desgraça...

Mas *apanhar a rede*, no nosso tempo, é outra coisa! É conseguir entrar num mundo de comunicações, participar numa cadeia de negócios, estabelecer ligação com muitos, entrar em contacto com outros tantos, receber e partilhar energias, informações e poderes. Há então a rede de comunicações, a nova rede de telemóveis, a rede de hipermercados... a rede bancária, a Internet, que outra coisa não é senão uma «*rede virtual*», onde tanto o homem se perde como o mundo se encontra...

**2.** As redes lançadas no mar da Galileia eram bem menos sofisticadas que estas e não chegavam sequer ao outro lado da fronteira. Eram redes de pesca, afinal... a precisar, de vez em quando, de conserto! Redes atiradas ao fundo do mar, para trazer à tona da água o pão de cada dia. Jesus passa por ali e faz o convite a lançar as redes noutra direção: «*vinde e farei de vós pescadores de homens*». Disse-o a Simão e André, a Tiago e a João. E eles, muito prontamente, largaram as redes, o barco e até o pai, para responder ao convite.

**3.** Pescador de Homens! No fundo, trata-se de lançar as redes para apanhar o homem perdido e achado no fundo do abismo e daí o trazer à luz. Redes para fazer vir ao de cima a vida do homem, para o reabilitar na sua dignidade e o capacitar na sua missão. São redes que procuram tirar o Homem da dispersão, da solidão, para o congregar na unidade, em comunidade. Redes que não prendem o homem a nenhuma teia de dependência, mas o libertam para um espaço livre de comunhão.

**4**. Cabe à Igreja, no meio da dispersão confusa deste tempo, ajudar o homem a encontrar-se. As comunidades cristãs devem tecer esta *rede de comunicação* com gestos gratuitos de amor, com experiências práticas de acolhimento, de festa, de convívio, de reflexão, de partilha da vida e da fé, de modo que na vida dos grupos paroquiais as pessoas se realizem, se afirmem e se encontrem. E, sem furar a rede da comunhão - perigo antigo e sempre novo na velha barca da Igreja - cuidar por que cada filho de Deus seja curado da solidão, salvo dos seus pecados, iluminado por uma nova luz. E isto leva-nos claramente à certeza de que a evangelização não se faz hoje pelo simples enunciado de verdades do catecismo, mas pela experiência, nos grupos e nas atividades paroquiais, do afeto, da amizade, da partilha, da convivência.

Nesse sentido se percebe o lugar do Centro Pastoral[[2]](#footnote-2), palco de encontro de todos os nossos desencontros e procuras. Feito para que, cada um na Igreja, se sinta como «*peixe na água*» e não como «*sardinha na lata*»...

## Homilia no III Domingo Comum A 1996

Jesus está a sair da casca! Para trás ficam trinta anos de silêncio, uma pacata terra onde nada acontece, a humilde família de Nazaré e uma história de poucas palavras. De repente, Jesus deixa Nazaré e vai habitar em Cafarnaum, terra à beira-mar, cidade fronteiriça, praça de muita e variada gente. Ali se cruzavam rotas e caminhos de comércio, controlado por uma alfândega de respeito, numa terra de pagãos, impura e virada para o lado de lá, donde vinham através do lago, cheiros e costumes de má reputação.

Ao deixar Nazaré para ir a uma cidade fronteiriça e complexa, Jesus manifesta o desejo de afrontar a mudança, de aceitar o desafio da novidade, o pluralismo de ideias e a insegurança de um povo tão generoso e arrojado como instável e imprevisível.

Jesus passou por ali, ao longo do Mar da Galileia e chamou também alguns a sair da casca apodrecida de um passado sem história para a aventura arriscada de uma pesca diferente. Pescar homens e mulheres. Fazê-los vir ao de cima, abrir os olhos à luz, encontrar um fôlego de vida, respirar um ar de graça. E eles, entusiasmados pelo novo ofício, lá foram. Uns deixam redes por lançar, outras redes por consertar e o pai que fica a ver navios...

A Cidade atraiu Jesus. E Jesus parece ter seduzido a Cidade. Este é um facto que nos põe diante do desafio da evangelização das grandes e pequenas cidades, da nossa cidade, onde as pessoas caminham perdidas no anonimato, em sobressalto com as notícias de última hora, mas sem uma comunicação próxima, um pensamento certo e um lugar duradoiro. Mas reconhecemos mesmo assim que um bem profundo habita o coração de tantas pessoas da cidade e que existe em muitos uma ânsia incontida e uma necessidade absoluta de Deus.

Mas como há de esta Luz do Evangelho seduzir a nossa cidade e fazê-la sair do seu pacato sossego para a aventura de seguir Cristo Jesus? Como chegar aos que não se sentem carentes de Cristo ou como aproximar de Cristo os que andam pelas margens, entre a fronteira da fé e da descrença? Como procurá-los?

Jesus foi ao encontro de uns e de outros. E anunciou a Boa Nova do Reino. É o que nos cabe fazer. **Evangelizar.** Mas «Evangelizar não significa necessariamente tornar cristãos todos os homens, nem fazer voltar à Igreja todos os batizados, os que a frequentavam e o deixaram de fazer. Jesus evangelizou também em Nazaré ou Corazim ou Betsaida, onde a sua palavra não foi acolhida. Evangelizar é anunciar com factos e palavras e dar assim a possibilidade, a quem tem boa vontade, de poder colher uma boa nova em suas formas mais genuínas e autênticas e então aprofundá-la e, se decidir, acolhê-la» (cf. C. Martini, **Carta sobre a Evangelização das grandes cidades**, Ed. Loyola, Brasil 1992,8).

Eu julgo que antes de mais, precisamos de acreditar na força do Espírito que age dentro de cada homem para o abrir ao mistério da sua graça e partir sempre entusiasmados. E estarmos preparados para a aceitação e para a recusa. Esta «é uma realidade que põe à prova a nossa esperança. Não se devem esperar sucessos estrondosos ou conversões em massa. Mas são muitos os que a cada dia transpõem a árdua fronteira entre a escuridão e a luz, entre a penumbra e o calor do sol, como muitos são os que, ao mesmo tempo, cruzam silenciosamente a fronteira entre a verdade e as trevas, entre a certeza e a incerteza, a dúvida, a desconfiança. A presença de muitos guias solícitos, padres ou leigos, atentos às fronteiras da fé, descobrirá essas frequentes passagens, ajudará os duvidosos, aconselhará os perdidos, confortará os mais inseguros. Nos limites entre a fé e a descrença pode ser desenvolvido um extraordinário apostolado do diálogo, do conforto, do testemunho. A pastoral na cidade deve pôr o maior número possível de batizados em condições de ser guias hábeis e amorosos nestas difíceis transposições de fronteiras que ocorrem diariamente na cidade» (**Ibidem**,13).

No fundo, trata-se de «dialogar com o fragmento». Um diálogo acolhedor e comunicativo. Trata-se de fazer cada um *sair da casca* e abrir os olhos à luz verdadeira, à Luz do Cordeiro que ilumina a Cidade! Cristo Ressuscitado... que a todos chama e envia!

**HOMILIA NO III DOMINGO COMUM A 1993**

**(OITAVÁRIO DE ORAÇÃO PELA UNIDADE DOS CRISTÃOS)**

1. O início da Missão de Jesus:

As margens do nosso Rio estão tecidas de encanto. Quando atravesso a Ponte e ao fundo me dou com alguns pescadores dá-me ganas de descer e descobrir o encanto de trazer na cana ou na rede um punhado de peixes. É um prazer cheio de mistério. Até Jesus, no início da sua missão, se lembrou de caminhar ao longo do mar, afinal um lago que nem dava grandes fortunas de peixe. Consumia longos dias e noites de trabalho de tantos homens que, pela vida dos seus, arriscavam a própria Vida. Jesus Passou por esse lago e meteu conversa com uns irmãos, que lançavam ao mar uma rede: “deixai lá isso e segui-me”! Jesus queria levá-los para outras margens, ensinar-lhes outras pescas. “E farei de vós pescadores de Homens”! Não sei se eles perceberam alguma coisa. Mas como se tratava de pesca, lá foram. Arriscaram tudo, deixaram o negócio, e dispuseram-se a perder tudo. Tiago e João, Atrapalhados no conserto de umas redes rotas, foram encantados pelo fascínio de um chamamento e lá O seguiram sem porquês nem porque nãos! Para trás ficava o barco e o Pai.

Fico meio sem palavras ao ver um Cristo no meio dos pagãos e dos pescadores a ter tanta sorte com a pesca! Eles seguiram-nO. Encho-me de espanto com aqueles irmãos, dois a dois, que tão inocentemente largam tudo sem deitar contas à Vida. E lembro-me de mim próprio, apanhado de surpresa do princípio da minha juventude. Que rica idade para a gente perder tudo e ficar feliz sem nada!

2. “Pescadores de Homens”!

Voltemos à pesca! Alguns de vós sabem mais do assunto do que eu. Mas mergulhemos então na arte de pescar: O pescador pode pescar com a rede ou à linha. À rede é apaixonadamente porquanto o ofício consiste sobretudo em congregar, em reunir, em unir. Pescar é reunir na mesma rede, é congregar na mesma barca. Mas é também, retirar do fundo, elevar, libertar do abismo. No tempo de Jesus julgava-se o fundo do mar como lugar do abismo, albergue de forças inimigas. Portanto, pescar Homens é, antes de mais, libertá-los, desafogá-los, para os unir e reunir na mesma barca com laços da mesma rede. Por isso me dão tanto que pensar e aprender os nossos pescadores.

Há ainda a pesca à linha! Talvez entre nós conte com mais adeptos. E é com esses que eu gostava de aprender a paciência e alegria de chegar a casa com um peixe apenas e a vontade de o dar para outros comer. Hoje pescar Homens, libertá-los, curá-los, é sobretudo “apanhar um a um”, Chamar pelo próprio nome e não ter medo de dizer: “O Senhor precisa de ti! Ele ama-te!”

Fico tão contente por nestes poucos meses ir enchendo a rede, ainda muito vazia, com um de cada vez. E atravesso confiante a ponte à espera de apanhar sobretudo aqueles que estão à margem da minha barca, A barca de todos nós: a Igreja de Jesus Cristo. Nesta pesca queria pôr mais remos a pescar. E é convosco que arrisco tudo. Sem vós, nada! E sem o Mestre, nem pensar. É que a barca está velha e as redes rotas. E há sempre muitos peixes com dentes mordazes a roer a corda e a furar as redes.

3. “Não haja divisões entre nós”!

S. Paulo bem sofreu por causa de uma comunidade dividida. Uns deste, outros daquele, uns a favor, outros contra, uns simpatizantes, outros inimigos. E isto em gente que tem a mesma fé, escuta o evangelho, recebeu o mesmo batismo. Por isso não admiro as tensões entre simpatizantes deste padre ou daquele, daquele grupo ou daqueloutro. A favor ou contra as mudanças. Fazer da opinião uma bandeira é que não! Julgar em razão das conveniências muito menos em semana de Oração pela Unidade dos Cristãos ficaria bem que mantivéssemos a Unidade na diferença. Isto é, cada um com a sua força mas a puxarmos todos no mesmo remo, a avançar todos na mesma barca! Com Cristo, por Cristo. Então Cristo!

## [DEUS ANDA POR AÍ À PROCURA DE TI](http://mesadepalavras.wordpress.com/2011/01/20/deus-anda-por-ai-a-procura-de-ti/)

  i

**1.** Domingo III do Tempo Comum. Cruzamento de textos num facho de intensa luz, vinda de fora, como a aurora. É o Evangelho de Mateus 4,15-16 que recolhe Isaías 8,23-9,1. No Evangelho de Mateus, esta luz que alumia a sombria Galileia é Jesus. Ventos de morte tinham varrido a Galileia no ano 732 a. C., quando o imperador assírio Tiglet-Pilezer III, na sua expansão para ocidente, invadiu e reduziu estes territórios a três províncias assírias: Galaad, Meguido e Dor, transferindo para ali povos pagãos de outros credos e culturas.



**2.** O Evangelho de hoje refere com precisão que, «quando Jesus soube que João Batista tinha sido preso, retirou-se para a Galileia» (Mateus 4,12), e, «desde então, começou a pregar» (Mateus 4,17a). Uma prolepse e uma surpresa, podemos dizer mesmo um escândalo. A prolepse: ao anotar a prisão de João Batista, o narrador não está tanto a registar um facto histórico, mas mais a desvendar já aquilo que um dia acontecerá também a Jesus. A surpresa e o escândalo: era do sentir comum que o anúncio messiânico fosse feito no coração do judaísmo, em Jerusalém, e não numa região periférica, desprezada e contaminada pelo paganismo, como era esta «*Galileia dos pagãos*» (Mateus 4,15). É para justificar e iluminar este estranho e inesperado começo, que Mateus se vê como que obrigado a citar por inteiro a passagem apropriada de Isaías 8,23-9,1.

**3.** Luz de Jesus a iluminar a noite da Galileia. Voz de Jesus a romper aquele espesso silêncio: «*Convertei-vos, porque está próximo de vós o Reino dos Céus!*» (Mateus 4,17b). Esplêndida Luz, esplêndida Voz, esplêndido Amor de Deus, esplêndida surpresa divina! Ainda antes de nos convidar a que nos interessemos por Deus, a Bíblia mostra que é Deus que se interessa primeiro por nós, tomando a iniciativa de percorrer as nossas estradas para nos vir visitar a nossas casas! É esta a maravilha desconcertante do Evangelho!

**4.** E assim continua no velho texto de Mateus e nas nossas estradas de hoje. Verificação: Jesus caminha ao longo das praias do Mar da Galileia, e vê dois irmãos, Simão e André, ocupados nos trabalhos da pesca, e diz-lhes: «Vinde atrás de mim!» (Mateus 4,19). A resposta é imediata: «Deixaram logo as redes, e seguiram-no!» (Mateus 4,20). E andando um pouco mais, viu outros dois irmãos, Tiago e João, que, com o pai, Zebedeu, consertavam as redes na barca. Também os chamou. E também eles deixaram logo a barca e o pai, e seguiram-no (Mt 4,21-22).

**5.** Note-se bem que Jesus desce ao nosso mundo, caminha pelas nossas estradas e vem ter connosco aos nossos lugares de trabalho. E é aí que nos chama. Não espera por nós no cenário sagrado das nossas Igrejas! Não nos obriga a aprender uma doutrina, nem sequer nos entrega um projeto de vida, mas chama-nos a segui-lo («vinde atrás de mim»), e partilha connosco a sua vida, como o Mestre faz com os seus discípulos. Não nos põe a fazer uma espécie de estágio, para que um dia nos tornemos Mestres. Nós permanecemos sempre discípulos, e um só é o Mestre. Não nos coloca num estágio, num estado, numa estante, mas num caminho! E um dia mais tarde, ouvi-lo-emos ainda dizer: «Ide!» É sempre no caminho que nos deixa.

**6.** Mas voltemos a Isaías 8,23-9,3, hoje, como já vimos, entrançado com o sublime Evangelho de Mateus 4,12-23. Visita de Deus. Luz grande para os abandonados. Vida a borbotar das feridas das espadas. Alegria a desenhar a estação das ceifas. As nossas mãos em concha a recolher os dias dados. Deus primeiro e antes. Deus basta. O dia de Madiã é o dia em que Gedeão enfrenta e desbarata as tropas de Madiã com trezentos homens que sabem que a água é um dom de Deus (Juízes 7). E estiveram lá junto da fonte mais trinta e um mil e setecentos candidatos que apenas exibiam a própria força e que pensavam que estavam ali por acaso! Estavam a mais. Foram embora.

**7.** Carl Gustav Jung, um dos pais da psicanálise, mandou esculpir sobre a porta da sua casa, em Küsnacht, na Suíça, esta frase: «Chamado ou não chamado, Deus estará sempre presente». Nunca se vai embora. Fica sempre por perto, à espera de nos abraçar.

*Tu, Senhor, Tu falas*

E um caminho novo se abre a nossos pés,

Uma luz nova em nossos olhos arde,

Átrio de luminosidade,

Pão

De trigo e de liberdade,

Claridade que se ateia ao coração.

Lume novo, lareira acesa na cidade,

És Tu, Senhor, o clarão da tarde,

A notícia, a carícia, a ressurreição.

Passa outra vez, Senhor, dá-nos a mão,

Levanta-nos,

Não nos deixes ociosos nas praças,

Sentados à beira dos caminhos,

Sonolentos,

Desavindos,

A remendar bolsas ou redes.

 Sacia-nos.

Envia-nos, Senhor,

E partiremos

O pão,

O perdão,

Até que em cada um de nós nasça um irmão.

 António Couto

1. Texto sublinhado pode ser omitido. Também podem ser cortadas algumas alíneas dentro de cada ponto. [↑](#footnote-ref-1)
2. Ou da Igreja... (adaptar aqui a conclusão da Homilia à realidade local) [↑](#footnote-ref-2)